

IMPEDIR A VITÓRIA DE MILEI (ULTRADIREITA) E CONSTRUIR UMA ALTERNATIVA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS



Escrevemos esse artigo num momento em que se debatem não apenas os rumos eleitorais na Argentina, mas as consequências concretas para milhões de trabalhador@s, movimentos de mulheres, juventude, diversidade sexual, ambiental etc.

Se por um lado as principais candidaturas com chances de vitória estão situadas no campo da ordem burguesa, por outro não se pode igualar pelo menos no curto prazo as consequências da vitória de Javier Milei (*A Libertade Avança* – ultradireita, neofascismo) com uma vitória de Sergio Massa (*União pela Pátria* – kirchnerismo, conciliação de classes).

No contexto grandes dificuldades que atualmente se põe no cenário argentino e até mundial, cuja principal é a enorme crise de alternativas socialistas, é inevitável essa comparação no sentido de evitar as piores condições que dificultariam muito mais as reações e a (re)construção de alternativas concretas dos explorad@s e oprimid@s.

Seria como não ver as diferenças entre Bolsonaro e Haddad (PT) nas eleições de 2018 ou entre Bolsonaro e Lula em 2022, por mais problemas que haja na Frente amplíssima formada com Alckmin e vários outros setores da burguesia.

Menosprezar esse risco concreto da vitória do neofascista Milei, e não colocar desde já a sua derrota como a prioridade número um, pode ter sérias consequências para os movimentos sociais, a classe trabalhadora e setores oprimidos em geral.

Situação da crise estrutural na Argentina

No contexto da mundialização do capitalismo imperialista, e tendo em vista a interligação das cadeias globais de produção, a situação de cada país é dada pela forma como se insere nessas cadeias de produção mundializadas. E aos países da América Latina, assim como da África, está reservado um papel de inserção subordinada principalmente como fornecedor de matérias primas, alimentos, ou seja, bens de baixo valor agregado. Essa relação está na base da dependência estrutural. Por outro lado, o sistema da Dívida faz com que os países desse grupo tenham que aprofundar ainda mais essa relação para conseguir dólares e transferir riqueza para os países centrais, através do serviço da Dívida Pública com juros escorchantes e sob imposições do FMI. Assim quase nada mais sobra para desenvolver a economia interna e os serviços públicos.

Outros elementos têm a ver com as transformações no mundo do trabalho e na classe trabalhadora desde os anos 1990, mas que deram um salto com a pandemia, como o trabalho sem contrato, o comércio eletrônico, o trabalho por plataformas e a uberização. Isso tem levado a um aumento da competitividade e do individualismo, do imediatismo e desprezo dos vínculos e valores coletivos, ao mesmo tempo que a identificação por parte dos setores mais jovens de que a assistência social não é prioridade e de que os serviços públicos são desnecessários e até prejudiciais, poderiam ser privatizados. Para uma parte da população (trabalhadores autônomos e a maioria da classe média) a parte social do Estado aparece como algo que pesa sobre os ganhos do esforço individual ou como algo que impede que se estabeleça relações de maior exploração dos setores mais vulneráveis.

A Argentina ainda vive sob as relações de força mais estruturais delimitadas pelo processo de abertura democrática, luta contra a ditadura e posteriormente pela rebelião popular de 2001, conhecida como Argentinaço. De lá para cá emergiram debates sobre a garantia de certos direitos sociais, direitos das mulheres e da diversidade sexual. No entanto, no terreno da economia o capital continuou avançando em sua reestruturação, no sentido de submeter a Argentina a um papel de mera fornecedora de produtos agrícolas, minerais etc. Uma indústria de baixa intensidade tecnológica e restrita ao papel de montagem com peças em sua maioria vindas de fora ou produzidas internamente sob condições de intensa exploração. As pequenas e médias empresas com cada vez mais dificuldades de sobrevivência.

Apesar de alguma resistência frente ao FMI no contexto do Argentinaço, o que permitiu uma renegociação menos escorchantes, e no marco do crescimento econômico mundial pré-crise de 2008, levou ao boom de commodities que acabou dando certo fôlego aos governos kirchneristas.

Com a crise de 2008, a redução dos fluxos econômicos e do valor das commodities, os efeitos logo se fizeram notar na Argentina o que acabou levando a planos de ajuste aplicados pelo Kirchnerismo embora de forma mais comedida do que exigia o grande capital. Por isso mesmo, em 2015, a burguesia aproveitou o desgaste do Kirchnerismo e apostou fortemente na candidatura de Macri no sentido de realizar as reformas que o capital exigia. Isso se deu como parte de uma ofensiva geral na América Latina, que no Brasil seria marcada pelo golpe institucional (2016) que levou à queda de Dilma, ascensão de Temer e posteriormente eleição de Bolsonaro (2018).

No entanto, houve diferenças em relação ao Brasil onde essa ofensiva logrou enorme avanço em 6 anos, com gigantesco desmatamento, Reforma Trabalhista com o fim de direitos históricos, Reforma da Previdência dificultando/acabando com a aposentadoria de milhões de pessoas, privatizações de portos, aeroportos e muitas outras empresas importantes como a Eletrobrás etc. Na Argentina, devido às resistências do movimento de massas e até mesmo divisões na classe média e na burguesia, Macri, apesar de estragos importantes, não conseguiu destruir como queria as conquistas existentes. Além disso sofreu grande desgaste, deixando, no entanto, uma crise social ainda mais grave, que foi herdada pelo governo kirchnerista de Alberto Fernandez, já bem mais à direita do que os de Nestor e Cristina Kirchner.

Alberto Fernandez não conseguiu/não se propôs apontar outro rumo para o país e ficou preso à institucionalidade e aos acordos econômicos com FMI, aplicando ajustes que vem estrangulando cada vez mais qualquer perspectiva de soberania e piorando a olhos vistos as condições de vida da população.

Diante da economia hoje mundializada o capital se desloca em busca de oportunidades mais lucrativas não importa a que custo de destruição humana ou da natureza. Assim a Argentina vive de fato uma crise de perspectivas. Para produzir o necessário à manutenção vital da população seria preciso enfrentar e quebrar o modelo agroexportador (modelo de despojo extrativista) que também é destruidor do ambiente e de comunidades que hoje ocupam áreas pretendidas pelo agronegócio ou empresas extrativistas. No entanto essas medidas de extrema urgência confrontam interesses da burguesia argentina e do imperialismo. Para implementar essas medidas apenas um ascenso generalizado e radicalizado com o avanço da consciência e organização. Sem isso a crise seguirá ou então a tendência é que os interesses da burguesia sejam impostos goela abaixo da população.

Pelas leis da economia capitalista, o que já está em curso e deve dar um salto pós eleições, é um ajuste profundo, destruidor de direitos conquistados a duras penas no passado, além do despojo extrativista. Nada disso, porém, pode ser imposto sem duríssimas lutas e sem uma derrota dos movimentos hoje existentes.

Nesse contexto que os principais candidatos da direita falam sem nenhuma vergonha que é preciso um endurecimento contra os movimentos sociais, a criminalização da pobreza, a redução da maioria penal, o fim de direitos sociais etc.

Milei, a agressividade total, aberta e direta do Capital contra a população pobre

Mas sem dúvida é em Milei que está representada a tendência mais esdrúxula e destrutiva, pois tem no seu programa libertarianista, a defesa total da liberdade de mercado para o capital. Afirma ser contra o sistema político argentino, que denomina “A Casta”, mas do qual também faz parte, convivendo muito bem com empresários e políticos de direita e ultradireita. Além disso recentemente se mudou para um bairro de ricos.

De cara adota a postura negacionista sobre a Ditadura Militar, dizendo que o que houve não foi um massacre, mas “uma guerra” (equiparando cinicamente os dois lados: militares com todo o poder armado versus ativistas e familiares, em geral desarmados). E nessa operação negacionista inventa que foram 8.700 desaparecidos e não 30 mil como são reconhecidos internacionalmente. Com isso busca aproximação direta com a cúpula das forças militares e setores mais reacionários da burguesia e classe média.

Milei Nega que haja diferenciação salarial entre homens e mulheres e, portanto, a necessidade de medidas no sentido de sua correção. Defende a liberação das armas (que serão acessíveis apenas para a burguesia, classe média e o crime, gerando mercado de armas e também aumento dos grupos de segurança privada e paramilitares contra os movimentos sociais) e a liberação da venda de órgãos que irá no sentido de furar as filas de atendimentos públicos, que ainda são equânimes entre a população rica e pobre, gerando um mercado privado de comercialização de órgãos e situações desesperadas e indiscriminadas de vendas de órgãos por parte da população pobre, devido à miséria crescente.

Defende abertamente o fim dos direitos trabalhistas e sociais, o fim das políticas sociais como subsídios aos restaurantes públicos, o fim da Educação Pública e Gratuita com a implementação de vouchers (vales em dinheiro) que seria usados para pagamento de instituições privadas de ensino em um nítido processo de privatização e destruição do acesso à medida em que esses valores sempre insuficientes. Da mesma forma na saúde pública. Também defende o fim do Banco Central, a dolarização e a abertura total da economia, experiência já realizada por Menem em 1990 que levou a uma das maiores recessões, dando origem ao período de decadência da economia argentina.

Sua proposta de extinguir ministérios como do Trabalho e outros subordinando-os como áreas de um Superministério de Capital Humano dá mostras de como ficariam os trabalhadores, mulheres etc. em um governo seu.

A vitória de Milei representará ataques muito mais duros e imediatos e profundos, com um cenário de caos e confusão na qual a classe trabalhadora será levada à precarização e os setores populares perdendo os serviços públicos.

Engana-se a parte baixa da classe média, caso imagine que terá vantagens, porque a liberdade que Milei defende é a liberdade do capital de explorar muito mais, não apenas a juventude, mas também a pequenos e médios “empreendedores”, sem que haja quaisquer garantias. A classe média também será prejudicada pois a redução dos níveis de vida da classe trabalhadora também leva à quebra de pequenos e médios negócios. Apenas alguns irão sobreviver e engolir os demais em base a relações de competição muito mais selvagens.

Milei também fala em destruir os sindicatos e movimentos estudantis e atacar as universidades. Assim como defende a redução da maioria penal.

Já a candidatura de Patricia Bullrich (*Juntos Pela Mudança* - macrismo) hoje aparece com menos chance de ir ao segundo turno, embora possa ocorrer. Mas cumpre o papel de desgastar pela direita a candidatura Massa, favorecendo Milei indiretamente. Além disso Macri tem se aproximado de Milei provavelmente com vistas a possível apoio em um segundo turno. Na hipótese de Milei herdar a maioria dos votos de Bullrich a sua vitória seria quase certa. Isso dá a dimensão da gravidade do cenário que se coloca na Argentina.

Massa: Kirchnerismo e Frente Ampla. Continuidade da crise e dos ajustes, porém condições menos desfavoráveis para os movimentos sociais em comparação com Milei ou Bullrich.

Como candidato do governo e do kirchnerismo, Massa propõe um governo de unidade nacional que devido ao grau de crise econômica e impasse que vive a economia argentina, como vimos acima, é de muito difícil realização. Seria preciso haver acordo entre a burguesia no sentido de se acertar os ritmos do ajuste a ser feito e quais setores irão perder. Além disso confrontar o movimento de massas permanentemente mesmo que de forma menos drástica, comparado a Milei. Assim, precisaria contar com o apoio dos sindicatos e direções de movimentos sociais para a governabilidade e contar com a não insurgência por baixo dos movimentos de rua ou autônomos que são já uma tradição na Argentina. Enfim, parece que a burguesia vem se inclinando por uma solução mais dura, o que se traduz no peso das candidaturas de Milei e de Bullrich que hoje somam a maioria dos votos contra a candidatura de Massa, não sendo a prioritária para o capital neste momento.

Ainda se terá que ver como as coisas andarão, por que há muitas reservas nos movimentos sociais da Argentina que vêm inclusive de algumas importantes conquistas democráticas como na questão da legalização do aborto e outras.

Assim, a vitória de Milei nas prévias não é suficiente para lhe dar maioria para se eleger no primeiro turno, o que abre a possibilidade de que Massa, passando ao segundo turno, force um confronto em que possa se evitar a eleição de Milei. Está nítido que a vitória de Massa seria apenas um mal menor, que não fecharia de jeito algum o quadro de crise que existe e nem traria uma solução real para as grandes maiorias, com sua política de unidade nacional que seria na verdade a unidade para entregar os recursos naturais, cortar direitos (mesmo que nem todos ou em ritmo menor do que Milei). Mas daria algum fôlego e tempo para os movimentos se organizem e se prepararem não apenas para enfrentar os ataques, mas também para buscar a construção e uma unidade em torno de uma alternativa pela positiva.

A candidatura de esquerda socialista Myriam Bregman (FITU) mesmo que sem viabilidade eleitoral, cumpre papel importante de denúncias e propostas alternativas contra Milei e os demais candidatos da ordem, inclusive Massa, por também vir aplicando planos de ajuste na condição de ministro da economia há mais de um ano. Nesse sentido, é muito importante que a intervenção da candidatura da FITU no processo eleitoral esteja a serviço da construção de uma alternativa política para além das eleições.

Impedir a vitória de Milei sem qualquer ilusão em Massa, preparar a resistência e construir uma alternativa anticapitalista

Impedir a vitória de Milei, avançar na construção da unidade dos movimentos sociais, e batalhar por um programa anticapitalista de emergência, parecem ser as necessidades mais urgentes na Argentina.

Os pontos fundamentais passam pela ruptura com o FMI e não pagamento da Dívida Pública; utilização desse dinheiro para bancar as políticas públicas como renda básica universal para desempregad@s, aumento/melhoria dos restaurantes e outros espaços comunitários; verbas públicas para Educação e Saúde e sua melhoria como sistemas públicos e gratuitos sob controle da população e trabalhador@s; expropriação e reconversão do agronegócio para a produção prioritária de alimentos diversificados para a população a preços acessíveis; e outras medidas discutidas pelos movimentos em seus espaços.

Se tiver sido tarde para impedir a vitória da ultradireita, nesse caso terá sido importante como preparação para enfrentar o que promete ser o maior desafio dos movimentos sociais desde o Argentinoço em 2001.

17 de Outubro de 2023

Para Um Novo Começo – Centro Político Marxista